Resenha

PARINI, Jay. *A Arte de Ensinar*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 189 p.

ENSINAR É UMA ARTE OU REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA

Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins

(Doutoranda em Língua Portuguesa, UERJ/FAPERJ)

anapoltronieri@hotmail.com

O livro *A Arte de Ensinar*, escrito pelo professor e escritor americano Jay Parini, apresenta uma reflexão sobre o ofício primordial de um professor, ou seja, o ofício de ensinar e de aprender. Em uma época em que as livrarias expõem em suas seções inúmeros manuais de autoajuda cujos títulos quase sempre também se iniciam com “A Arte de ...”, o livro do professor Parini foge à regra, pois não apresenta uma receita pronta e perfeita para dar uma aula. Tendo como leitor-alvo o professor, Parini conta a sua própria vivência como professor de língua inglesa em diferentes escolas e universidades nos Estados Unidos e na Escócia, nas quais ele teve experiências de sucesso e também fracassos. Dividido em seis partes, o livro tem como fio condutor a palavra “recomeço” e se insere no gênero narrativa autobiográfica, cujo personagem principal não é o Jay Parini poeta, crítico literário e editor, mas o Jay Parini professor.

Ao declarar, em seu prefácio, que “Ensinar não é apenas um emprego em que se trabalha” (PARINI, 2007, p.9), ele reconhece que a atividade docente não pode ser reduzida apenas a horas de trabalho marcadas em livros de ponto, ainda tão presentes na realidade das escolas brasileiras. Segundo Parini, ser professor é estar sempre em estado de reflexão e de desafios, porque a docência leva àquele que a escolhe uma postura crítica em relação ao mundo onde se vive. Nesse sentido, compreende-se a premissa fundamental que norteia a visão da arte de ensinar do professor Parini: “O que quer que tenha sido feito pode ser feito melhor” (PARINI, 2007, p.11). Note-se, nessa declaração, o dever de um professor-artista preocupado com a estética da aula-arte, isto é, o aprimoramento constante em busca de uma perfeição, que, evidentemente, nunca chegará, pois haverá sempre adiante a possibilidade de fazer melhor quando começar um novo semestre.

No capítulo inicial denominado “Inícios”, Parini convida o leitor para o jogo da plurissignificação da linguagem. A palavra sêmica “inícios” abre um leque de possíveis sentidos que serão apresentados durante o percurso de leitura do capítulo. Desse modo, compreendem-se “Inícios” como: uma analogia entre o início de cada estação do ano e um novo ciclo do ano acadêmico no hemisfério norte (o outono é o início do ano letivo e a primavera é o tempo das despedidas); o tempo de buscar novas máscaras, novas possibilidades para o “eu” e um retorno à vida escolar de um Parini, que, na infância, foi um aluno “selvagem e patologicamente tímido”. Cada início vai além de um novo começo, pois, para o autor, a palavra “recomeço” representa a possibilidade de transformação e de escolhas para os professores (e também para os alunos), seja pelo amadurecimento, seja pela redenção de fracassos de anos acadêmicos passados.

Há um encadeamento nos temas desenvolvidos nos capítulos do livro. Segue-se ao capítulo “Inícios” o capítulo “Minha vida como aluno”. Neste segundo capítulo, Parini relata e analisa diferentes momentos de sua vida no meio acadêmico, ou seja, da escola até a universidade. Oriundo de família pobre e protestante, ele foi aluno de um colégio que oferecia poucos recursos para o crescimento intelectual e pessoal. Anos depois, na universidade, deparou-se com ideias liberais referentes à Guerra do Vietnã que contradiziam a sua formação protestante fundamentalista, base simbólica daquilo que se conhece atualmente como Estados Unidos “profundo”. É também neste capítulo que se encontra outra possibilidade de interpretação para o título, visto que, depois de formado, o professor Parini vê-se em um contínuo processo de aprendizagem em diferentes instâncias de sua vida acadêmica: aprender a dar aula, a ouvir os colegas e alunos, e aprender com os fracassos. Como já foi dito, Parini conta também os seus fracassos que, para ele, não são erros, mas uma etapa do processo de aprendizagem. Dividido entre o desejo de ser escritor e o planejamento das aulas no seu primeiro emprego “de verdade” em Dartmouth, em Hanover, Parini não consegue a efetivação como professor de inglês e, logo, encontra-se desempregado. Assim, aprende com o fracasso que “ser professor é ser um aluno perpétuo” (PARINI, 2007, p.75). De certo modo, Parini conheceu, em sua vida de professor, o que bem disse Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende.”

No capítulo seguinte, intitulado “Vida de professor”, Parini apresenta-nos o belo poema “A Máscara”, de W. B. Yeats, com o intuito de envolver o leitor em um processo de reflexão sobre a *persona* do professor. Ao lembrar que a palavra *persona* tem suas raízes filológicas no latim *per-sona*, ou seja, aquilo que soa, que toma voz através de uma máscara, o autor do livro concebe que o verdadeiro professor é um ator

que possui várias máscaras e vozes, e a sala de aula é o seu palco. Cada plateia é uma nova estreia, uma nova encenação. Por ser a docência um processo de reflexão e de mudança constante, o professor é um sujeito sempre em tensão com as forças dialéticas que permeiam o processo de ensino-aprendizagem. Não se pode deixar de lembrar que, neste capítulo, Parini enfatiza a importância da Pedagogia nos cursos de pós-graduação que formam professores. Nesse sentido, ele sinaliza para o perigo de um corpo docente demasiadamente qualificado em teorias, mas pouco propenso à realidade de uma sala de aula. Assim, criam-se distorções referentes à qualificação de professores, como professor-pesquisador e professor de sala de aula, sendo que este é quase sempre visto nas academias como inferior àquele. Neste capítulo, tem-se um dos momentos mais tocantes do livro. É a parte em que Parini se lembra dos professores eméritos, aqueles que estão aposentados ou em via de aposentadoria. Em uma sociedade que cultua a juventude, o professor emérito é visto, nos dias atuais, como uma espécie de aberração no sistema escolar, principalmente para os professores mais jovens. Entretanto, Parini vê o professor emérito como um grande tesouro para a instituição que os conserva em seus quadros, já que os eméritos são depositários de uma memória intelectual já sedimentada e de inúmeras experiências, ou seja, de uma sabedoria verdadeira, que deve servir como um ponto de ancoragem para os professores principiantes.

O capítulo denominado “Detalhes práticos” é, na verdade, uma conversa ao pé do ouvido do professor que se inicia na profissão. Em um tom mais intimista, dirigindo-se ao leitor por meio do pronome de tratamento “você”, Parini dá inúmeros conselhos a quem pretende exercer ou já está exercendo o ofício de professor. Isso não quer dizer que serão apresentadas fórmulas miraculosas para se ministrar uma aula

apreciada por todos. Na verdade, Parini entende que o professor deve, primeiramente, descobrir o seu tom, a sua voz, para que compreenda a importância de ensinar. Assim, o autor retoma alguns assuntos, a fim de valorizar noções como comunidade acadêmica, planejamento de aulas, conferências, seminários e postura do professor diante dos alunos nas diferentes instâncias acadêmicas. Encontra-se também, neste capítulo, uma reflexão sobre a responsabilidade dos professores diante dos problemas atuais que afligem a nossa sociedade. Como lidar com essas questões em sala de aula? Longe de pregar uma postura neutra para o professor, Parini lembra que a fronteira entre a política e a politicagem é muito tênue se o professor não souber conduzir debates com responsabilidade. Cabe ao professor desafiar certas verdades apregoadas pelo sistema (como a Guerra do Iraque na era Bush, lembrada por Parini) por meio de argumentos sólidos e raciocínio coerente. Não é impor ao aluno a verdade do professor, mas conduzir o aluno a encontrar sua própria verdade.

Finalmente, em “Conclusões”, Parini fecha as suas reflexões sobre a arte de ensinar em tempo de primavera, indício das despedidas de alunos que partem em busca de novos caminhos e também o prenúncio do verão, época dos corredores silenciosos e escaninhos desocupados. Entretanto, o que poderia ser um momento de ócio vazio torna-se ócio produtivo, isto é, tempo de maturação de novas escritas e leituras para o professor.

Como se pôde ver, o livro do professor Jay Parini é uma ótima leitura para quem pensa em escolher a carreira docente. Em um mundo no qual as pessoas são cada vez mais marcadas por levantamentos estatísticos (quanto se tem, quanto se ganha, quanto se produz, etc), a reflexão de Parini sobre o ofício do professor evidencia um processo complexo de busca de identidade de um profissional que, em nosso país, ainda

é desvalorizado. A reflexão que o autor faz é, na verdade, esse olhar para dentro, esse exercício contínuo em busca do reconhecimento, da razão e da consciência de uma prática, que, por si só, privilegia continuamente a alteridade do professor e do aluno.